

## SIMPÓSIO AT036

### A (RE) PRODUÇÃO DOS ESTERIÓTIPOS DE ESCRITORES NEGROS SOBRE OS SEUS PERSONAGENS NEGROS

SANTANA, Zionel

Universidade Vale do Rio Verde – UNINCOR/MG

Prof.zionel.santana@unincor.edu.br

**Resumo:** O objetivo deste artigo é apresentar uma análise sobre a reprodução estereotipada dos personagens negros por escritores negros. A questão posta é até que ponto os escritores negros têm consciência da violência estereotipada ao constituir seus personagens negros. Em Maria Carolina de Jesus, “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (2005), a escritora reproduz consciente ou inconscientemente a violência estereotipada sobre seus personagens negros e a si. O texto tem como folha de contraste os conceitos de Bastide sobre estereótipos de negros na literatura brasileira-, e Habermas sobre a ideia de emancipação. A distinção em seus sentimentos expressos em seus personagens negros se confunde com a sociedade, ora reproduzindo suas experiências sociais em relação ao negro, ora aparece como uma reprodução fiel da cópia do imaginário coletivo, mas em outra ótica, o escritor poderá está empenhado os seus sentimentos e experiências com uma prática socialmente consolidada.

**Palavras-chave:** Esteriótipos; negros; Literatura ; personagens.

**Abstract:** The aim of this article is to present an analysis of the stereotyped reproduction of black characters by black writers. The question posed is to what extent black writers are aware of stereotypical violence as they constitute their black characters. In Maria Carolina de Jesus, “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (2005), the writer consciously or unconsciously reproduces the stereotypical violence about her black characters and herself. The text has as a contrasting sheet the concepts of Bastide on stereotypes of blacks in the Brazilian literature-, and Habermas about the idea of emancipation. The distinction in his feelings expressed in his black characters is confused with society , Reproducing their social experiences in relation to the black, sometimes appears as a faithful reproduction of the copy of the collective imaginary, But in another perspective, the writer may be committed to his feelings and experiences with a socially consolidated practice.

**Keywords:** Stereotype; Black ;Literature; characters.

## INTRODUÇÃO

O texto lança à luz sobre a perspectiva de uma possível aproximação da filosofia e a literatura brasileira, em especial escritores negros. O empreendimento desse trabalho é uma leitura a partir de conceitos filosóficos, no primeiro momento sobre a escritora negra. Os conceitos filosóficos servem como ferramentas de uma leitura crítica sobre os textos literários de escritores negros e os personagens presentes em textos onde o negro assume diversas representações do imaginário sociocultural. O estado da questão é uma possível aproximação dos personagens negros e a performance de seus papéis na literatura brasileira. O que se coloca sobre suspeita é o limite da reprodução dos estereótipos dos negros na literatura ou a impossibilidade do distanciamento da imagem constituída socialmente pelos escritores brancos sobre o negro, emancipação, violência e Literatura. A obra de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo: um diário de uma favelada.” Este texto aborda a emancipação silenciosa e invisível de Carolina de Maria de Jesus e ao mesmo tempo uma violência velada. O domínio da linguagem e dos atos de fala, presentes na construção de um discurso, transparece em Jesus o uso de uma razão emancipada. Jesus reconstrói sua realidade mesmo que usando da poesia para criticá-la em um ambiente hostil. Assim, a emancipação passa obrigatoriamente pela utilização da razão na construção histórica da liberdade. A tese é que a emancipação implicaria sempre em um nexos essencial entre a liberdade humana e a história.

## 2. A EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO

A obra de Carolina Maria de Jesus, “Quarto de despejo: um diário de uma favelada,” a análise de uma escritora negra, este texto aborda a emancipação silenciosa e invisível de Carolina de Maria de Jesus a partir dos pressupostos da emancipação do sujeito na ótica da filosofia habermasiana

[...] Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2005, p. 52).

O domínio da linguagem e dos atos de fala, presentes na construção de um discurso, transparece em Jesus o uso de uma razão emancipada. Jesus reconstrói sua realidade mesmo que usando da poesia para criticá-la, “... é preciso criar este ambiente.” Assim, a emancipação passa obrigatoriamente pela utilização da razão na construção histórica da liberdade. A tese é que o emancipação implicaria sempre em um nexos essencial entre a liberdade humana e a história. “... Eu percebo que se este Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passa saem da janela ou fecham as portas. Esses gesto não me ofendem”. (JESUS, 2005, p. 69). Relata em seu diário a vida dos moradores da favela. Ao mesmo tempo é protagonista da sua emancipação, para a sociedade burguesa é silenciosa e na favela, é invisível aos olhos de todos. Para o movimento da ilustração a emancipação se configura pela autonomia da razão. Uma das manifestações da razão está na elaboração de um discurso que é capaz de pensar sobre si mesmo dentro de um contexto histórico- crítico. Um discurso de reconstrução de uma razão deformada. Carolina Maria de Jesus não só relata às histórias do cotidiano - mas ao mesmo tempo a reconstrói criticamente. “... Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido”. (JESUS, 2005, p. 35). Apresenta-nos a pobreza, a fome, a violência e o descaso com o ser humano, em momentos que oscilam entre a leveza da poesia e a crítica consciente da estrutura social e política da sociedade da sua época. “Nega

ordinária! Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo!” (JESUS, 2005, p. 140). O quarto de despejo demonstra uma sensibilidade para tecer a narrativa de modo que evidencia os estereótipos negativos atribuídos ao negro, e, em especial com relação à mulher negra, pois estes são resquícios de toda ideologia preconceituosa propagada por meio da literatura e da sociedade, de forma velada ou explícita, tanto no passado quanto na contemporaneidade. “Eu escrevo porque preciso mostrar aos políticos as péssimas qualidades de vocês.” (JESUS, 2005, p. 151). “Os vizinhos de alvenaria ficaram comentado que os intelectuais dão preferência aos favelados.” (JESUS, 2005, p. 166). A escrita de uma mulher negra, em geral, desafia e evidencia os laços históricos que amarram as relações e práticas sociais no Brasil. A obra de Maria Carolina de Jesus, promove uma releitura de nossa própria história como afrodescendentes à medida em que mostra a sua trajetória protagonista, mulher negra, em busca da reconstituição da sua dignidade, memória e identidade contada a partir de seu diário. Os fatos corriqueiros presente em sua obra, resultando em um olhar sobre a história, que é rememorada no presente: um olhar que constrói os processos de formação identitária vivenciados por uma mulher negra. A trajetória nos remete a todas suas experiências sentimentais, seus afetos e desafetos e seu relacionamento com seus amores, filhos e amigos. Discute também a questão da sua identidade, “.... já os pretos não tivemos um profeta para orar por nós.” (JESUS, 2005, p. 108). Visto que esta converge em direção à herança identitária de ser negra.

Fico pensando: os nortes-americanos são considerados os mais civilizados do mundo ainda não convenceram que preterir o preto é o mesmo que preterir o sol. O homem não pode lutar com os produtos da Natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podia revoltar-se. (JESUS, 2005, p. 108).

A ideia de emancipação habermasiana apresenta-se como uma terceira via, entre Hegel e Marx, da alteridade e dos interesses egoístas para a ideia de comunicação, isto é, a linguagem e sua estrutura. Assim, a ideia de linguagem passa a ser a mediação emancipatória. Portanto, uma forma de vida libertadora

para uma sociedade livre de dominações. Encontra-se o elemento central da preleção -, a emancipação não se dá somente do indivíduo, mas de toda humanidade. Na obra de Maria Carolina de Jesus, a emancipação se apresenta de forma controversa. A ideia de emancipação em Habermas compreende-se como um todo, e não somente o indivíduo que se emancipa, mas todos. Isto é, não é o indivíduo, e sim o grupo. Maria Carolina de Jesus ressalta a situação que vive na sociedade neste período ao chamar atenção que ela, "... já os pretos não tivemos um profeta para orar por nós." (JESUS, 2005, p. 108). Os elementos abolicionistas inspirados na ideias do esclarecimento, da igualdade em Hegel, da crítica à estrutura econômico-política do modelo de trabalho escravocrata. O que nos parece que Maria Carolina de Jesus em sua obra não manifesta esses conceitos emancipatórios do seu século. Há momentos da narrativa que se expressava com características, crítica e em momentos idealistas e românticas, comum ao momento histórico em que a obra está contextualizada. Por exemplo: "Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta nega precisa sair daqui da favela." (JESUS, 2005, p. 153).

A violência estereotipada se apresenta na dificuldade da escritora distinguir os seus sentimentos expressos diferentes de seus personagens, como negros e os estereótipos sociais. Desta forma, tais experiências sociais em relação ao negro aparecem como uma reprodução de uma copia fiel do coletivo. Portanto, a escritora poderá está empenhado os seus sentimentos e experiências com uma prática socialmente consolidada. Mas a partir de uma teoria critica podemos encontrar elementos que evidencie essas contradições, da solidificação de estereótipos ao grau de preconceitos ou uma alienação de tensões sociais. O que parece ser um ajuntamento de uma imagem favorável sobre a desfavorável o que pode nos conduzir a uma reflexão ideológica. O elogio ao negro nem sempre é um elogio, pode vir disfarçado de preconceito que no fundo são estereótipos preconceituosos. "Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens (...)." [...] (JESUS, 2005, p. 19). É comum encontrar elogios ao negro, às vezes pela sua força física em detrimento a baixa capacidade intelectual, por outro lado para a exaltação sexual do negro frente a sua

moralidade duvidosa. “Nega suja. Ordinária. Vagabunda. Lixeira.” (JESUS, 2005, p. 88), o arquétipo de beleza é platônica, e essencialmente européia. Um país no seu processo de colonização, a miscigenação não é o ideal que se esperava como inspiração para os poetas. A miscigenação avançava no Brasil, o jeito é substituir esse ideal de beleza, e negar à miscigenação, e mais ainda, tentam esconder o negro como ideal de beleza. (BASTIDE, 1973). É aí, que aparece os elogios disfarçados de estereótipos preconceituosos. A mulher negra está em oposição ao ideal de beleza da mulher branca. Encontramos com mais frequência a descrição alegórica do negro a referência aos traços não delicados em referência ao ideal de beleza branca. E mais ainda, associado ao cheiro sedutor oposto a sujeira e o cheiro fétido. Sutilmente, reprova a beleza da mulher negra africana, reforçando o estereótipo negativo, além de associar a forma de vestir e mais ainda, não é um objeto de desejo e inspiração poética. A literatura reforça os estereótipos negativos constituído socialmente. (BASTIDE, 1973). “Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito.” (JESUS, 2005, p. 78). A questão perseguida neste texto é até que ponto o escritor negro introjeta o modelo branco de reproduzir os estereótipos preconceituosos em seus personagens? No texto de Jesus não é diferente a manifestação do engendramento dos estereótipos e os preconceitos socialmente construídos. Na passagem, “Está escrevendo, nega fídida!” (JESUS, 2005, p. 24) e “-Nega ordinária!” Você não é advogada, não é repórter e se mete em tudo!” (JESUS, 2005, p. 140). O negro como ruim, sujo e perigoso, selvagem. Notamos aqui que não há uma diferenciação do modo do escritor branco ao reproduzir os estereótipos preconceituosos.

Portanto, é a estereotipação preconceituosa dos escritores bancos na constituição de seus personagens e as suas representações arquetípicas psicossociais. Nos atos de fala dos personagens e a narrativa da escritora permanece inalterado os estenótipos, reproduzindo no arquétipo coletivo. Os estereótipos não estão ausentes na reprodução literária. (BASTIDE, 1973). Os escritores ressaltam a degradação moral do negro à luz dos valores da nobreza européia e evidenciam a sensualidade da mulher negra como se fosse um elogio,

são elementos literários que podemos encontrar em demasia. “Este vai ser um negro, sim senhor! É que na África os negros são classificados assim: - Negro tu -Negro turututú. É negro sim senhor! Negro tu é o negro mais ou menos. Negro turututú é o que não vale nada. E o negro Sim Senhor é da alta sociedade.” (JESUS, 2005, p. 46). A constituição do estereótipo de um negro ruim e um negro bom. O negro bom é uma associação a submissão que recupera a servidão. O negro ruim está associado à rebelião, a insubordinação. Por exemplo, preto, mas nobre tal expressão demonstra a passagem do estereótipo para o preconceito.

## CONCLUSÃO

A violência se apresenta no texto da autora de forma explícita nos relatos diários sobre a fome. Seu diário nos retrata a luta para vencê-la todos os dias. Mas, o empreendimento deste texto é evidenciar a violência engendrada na narrativa da sua história como reprodução dos estereótipos e a sua manifestação dos estereótipos ao grau de preconceitos constituídos coletivamente, ao negro, a mulher e pobre. A violência sobre Maria Carolina de Jesus a exclui primeiro da sociedade e mais ainda, sobre a sua comunidade do Canindé. Daí, a defesa deste texto que a violência é velada, além do ambiente hostil em que ela vive em suas idas e vidas da favela à cidade. A manifestação preconceituosa não se altera, “No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço.” (JESUS, 2005, p. 98). Portanto, na suas narrativas a violência se reproduz na escritora e nos altos de fala. A hipótese de trabalho era contrapor a emancipação e a violência.

Jesus não percebe esta justaposição da violência engendrada que seria possível pela emancipação. Há momentos em seu texto que ela manifesta a consciência da violência, mas como fuga ou a sua negação da sua condição de mulher negra e pobre. “A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.” (JESUS, 2005, p. 147). Por isso que, mas suas narrativas que se manifesta ora há graus de consciência que se altera com os

momentos idealizantes de fuga da própria história. A emancipação se dar a partir da perspectiva da sua individualidade sem ainda uma emancipação da sua categoria de mulheres e negra.

## Referências

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CAMINHA, Adolfo. Bom crioulo. Rio de Janeiro: Hedra, 2009.

HABERMAS, Jürgen. Discurso filosófico da modernidade. Tradução Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo :Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. Consciência moral e agir comunicativo. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 8. Ed. São Paulo: Ática